

Psicanálise em chamas

Berta Hoffmann Azevedo, São Paulo

*Sapo não pula por boniteza,
mas porém por percisão.*

Provérbio capiau citado por JOÃO GUIMARÃES ROSA,
“A hora e a vez de Augusto Matraga”

No braseiro da “percisão” arde nosso sossego. Há fenômenos que colocam o psicanalista em apuros e, no calor da situação, ele salta para responder, de novo e – quem sabe – dessa vez melhor, tentando estar à altura do que se impõe.

No primeiro número de nossa gestão editorial, *Desilusões na clínica psicanalítica*, tratamos do tempo do luto, da perda das ilusões. O tempo de constatar limites, de elaborar fracassos, sem deixar de investir futuro. Agora, em *Psicanálise em chamas*, estamos no tempo da urgência, quando o jogo ainda não está perdido, mas exige do psicanalista se reconhecer em defasagem, para então se mobilizar: incômodo, trabalhoso, quiçá fértil.

Quem diria que depois de Freud nos incluir no grupo daqueles que “perturbaram o sono do mundo” (1914/1996, p. 32), descobriríamos ser necessário explicitar que somos, em contrapartida, também perturbados pelos movimentos desse mesmo mundo?

O aparelho teórico ganha em não funcionar demasiado bem, dizia Pontalis (1977/2005). Esse desfuncionamento não apenas põe a psicanálise no fogo – é ele que lhe dá fogo vital. E uma vez que “poupar-se do fogo não é uma opção analítica” (Azevedo et al., 2025, p. 22), como sugerimos em nossa carta-convite, mantenhamos a chama acesa, estimulados pelos impasses e desafios.

Durante um recente evento preparatório para o 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi, realizado em Pelotas, me foi perguntado sobre o movimento PsiSafe, aquele dos grupos minorizados que, desconfiados por conta das más experiências de cuidados psicoterápicos e temendo novas violências, buscam atendimento com psicanalistas que pertençam ao mesmo grupo ou que sejam a ele simpatizantes. Essa mobilização, iniciada na França, reuniu psicanalistas reconhecidos como “safe”: sensíveis às dimensões sociais de opressão e sofrimento que recaem sobre sexualidades dissidentes. Essa perspectiva se

amplia ao considerar outras formas de violência social que atingem corpos historicamente marcados – experiências de significativo impacto psíquico.

Sem desconhecer que possa haver nesse gesto alguma evitação da tensão turbulenta da alteridade, é preciso admitir que há na prática clínica retraumatismos operados pelo não reconhecimento das dimensões sociopolíticas de certos mal-estares, motivo pelo qual uma proteção desse tipo se torna compreensível.

O analista “safer”¹ não é, necessariamente, alguém “igual”, no sentido de partilhar das mesmas vivências, mas alguém que reconhece suas próprias marcas sociais. Alguém ciente de seus preconceitos, defasagens e limitações – e que se responsabiliza por isso em seu percurso clínico. Trata-se de um psicanalista que se sabe em “percisão” formativa constante, que sabe não ser “safe” para o outro, nem para si mesmo. Ele pode se deparar com lapsos que revelem aspectos racistas, homofóbicos, transfóbicos ou misóginos – e sustenta o desconforto e a elaboração do que ali emerge, através de si. Afinal, o psicanalista também é sujeito de sua história, forjado em um tempo e em uma cultura marcados por estruturas sociais que o atravessam. “Não há corpo humano universal, mas uma multiplicidade de seres humanos e tecidos orgânicos racializados, sexualizados, generificados” (Preciado, 2008, p. 170).

Foi por esses caminhos que os artigos em resposta à carta-convite nos conduziram. Os textos temáticos abordam as urgências envolvidas nas múltiplas camadas da clínica contemporânea, a presença recorrente de questões sobre gênero e adolescência chamou a atenção. A clínica inter-racial ganha destaque na seção “Diálogos”, com um artigo assinado por Ignácio A. Paim Filho e Hayanna Carvalho Santos Ribeiro da Silva, comentado por Wania Maria Coelho Ferreira Cidade e Gilberto Souza. Já na seção “Interface”, a antropóloga Hanna Limulja, com experiência de estudo intercultural junto aos povos yanomami, aponta a urgência de reconhecermos outras formas de sonhar o mundo, capazes de inspirar gestos concretos diante das emergências climáticas.

Neste número, além das seções habituais, também publicamos os *keynote papers* que serão apresentados no Congresso Internacional de Psicanálise da IPA de 2025, em Lisboa.

Desejamos que as brasas acesas nestas páginas soprem reflexões que nos ajudem no calor da clínica diária e em nossas construções teóricas,

Boa leitura a todos!

1 Prefiro “mais seguro”, já que um psicanalista seguro não existe.

Referências

- Azevedo, B. H. et al. (2025). Carta-convite. *Jornal de Psicanálise*, 59(2), 21-22.
- Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 15-75). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Pontalis, J.-B. (2005). *Entre o sonho e a dor* (C. Berliner, Trad.). Ideias e Letras. (Trabalho original publicado em 1977)
- Preciado, P. B. (2008). *Testo junkie* (M. P. G. Ribeiro & V. D. Fernandes, Trans.). N-1.

Berta Hoffmann Azevedo

Editora

bertaazevedo@hotmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n2.01